

O BEM COMO FUNDAMENTO NA FILOSOFIA PROCLEANA

THE GOOD AS FUNDAMENT IN THE PROCLUS' PHILOSOPHY

Suelen Pereira da Cunha
Professora EBTT do IFCE-Crateús
Doutoranda em Filosofia pela UFC
Email: suelendp2011@gmail.com

Resumo: A identificação do Uno com o Bem, na filosofia procleana, ao mesmo tempo que permite que haja uma só Causa Primeira de todas as coisas, também apresenta dificuldades quanto à origem do mal. Todavia, apesar das dificuldades oriundas de uma causa única, o que se observa na filosofia procleana é que essa causa se faz necessária em três âmbitos: lógico, henoepistemológico e moral. Diante disso, este trabalho objetiva fazer apontamentos sobre como o Uno-Bem é fundamental nestas três esferas. Para tanto, o trabalho é dividido em três partes: a primeira versa sobre a necessidade lógica do Uno-Bem; a segunda, a respeito da necessidade henoepistemológica e a terceira, sobre como o Uno-Bem se constitui como princípio da moral, de maneira a impossibilitar a existência de um princípio ou ser essencialmente mal.

Palavras-chave: Uno-Bem. Fundamento. Hipóstases.

Abstract: The identification of the One with the Good, in Proclus' philosophy, both permit the existence of an only First Cause of everything and presents some difficulties about the origin of the evil. However, even though of the difficulties relating to Cause First, what is observed in Proclus' philosophy that it is necessary starting three field: logical, henoepistemological and moral. This way, this paper aims to make notes about as the One-Good is fundamental to three field. This paper is organized in three parts: the first is about the logical necessity of One-Good; the second, about the henoepistemological necessity of the First Cause and, the third, about as the One-Good is constituted itself as a principle of morality, so as not to permit the existence of a principle or a to be evil.

Keywords: One-Good. Fundament, Hipostases.

Introdução

O pensamento procleano é caracterizado pela tentativa de harmonizar as doutrinas dos pensadores que o antecedeu, ou seja, em sua teoria se encontra uma síntese de todo o espírito grego¹. Nesta perspectiva, tendo como referência o *Parmênides* de Platão, mas o entendendo como contendo os graus da realidade e não somente como um exercício lógico, Proclo interpreta a esfera do real organizada a partir de inúmeras hipóteses. Assim, a realidade é apresentada sistematicamente, de maneira que o fundamento de tudo está no Uno, que também é entendido como Bem. O sistema procleano, então, diz respeito a uma *Henoologia* e não a uma ontologia, dado que o ser é entendido como posterior ao Uno. A prioridade do Uno frente a toda a esfera do real se dá com base em uma ordem lógica², henoepistemológica e tem reflexos importantes no que diz respeito à moral.

Com a identidade entre Uno e Bem, este Princípio, que é causa primeira e final de tudo o que existe, é postulado também como fundamento das mais diversas áreas do conhecimento. À vista disso, este trabalho tem por objetivo apontar como se dá a fundamentação do sistema nas perspectivas: lógica, henoepistemológica e moral. Todavia, como o foco deste estudo está em perceber como o Uno-Bem é princípio e alicerce das mais diversas áreas de investigação, a análise do Uno como princípio da moral não se dá por meio de ponderações a respeito das ações humanas, seja no âmbito individual, seja no âmbito coletivo, mas em como, por meio do Bem como princípio e sustentáculo de tudo, se dá o problema da existência do mal.

Este estudo está ancorado nas obras *Elementos Teológicos* e a *Tria Opuscula* de Proclo, uma vez que a primeira dessas obras expõe todo o sistema procleano de maneira sistemática, sendo o aspecto lógico e henoepistemológico muito bem trabalhados; já a segunda, com foco no texto *Sobre a existência do mal*, diz respeito à investigação relativa à possibilidade da existência do mal, qual espaço ele poderia

¹ Opta-se pelo termo ‘espírito’, porque a filosofia do Bizantino não se restringe à consideração dos elementos especulativos, possuindo também influência dos *Oráculos caldeus* e religião grega em geral.

² É oportuno pontuar que esta não se trata de uma característica específica de Proclo, mas está presente em todo o neoplatonismo que, desde Plotino, apresenta uma sistematização que tem como fundamento a superioridade do Uno e o Ser como lhe sendo posterior.

ocupar e o que pode ser considerado mal no sistema. O trabalho, portanto, é dividido em três partes, quais sejam: a necessidade lógica do Primeiro Princípio, que deve ser Uno e Bem; sobre o desenvolvimento e sustentação dos seres a partir deste Primeiro Princípio e; por fim, se ocupa em investigar a contradição entre um Primeiro Princípio de todas as coisas que é Bem e a existência do mal em um sistema que procede por semelhança.

A unidade como elemento de sustentação do sistema procleano

A obra mais sistemática do *corpus* procleano é, sem dúvidas, *Elementos de Teologia*³, nela o Diadoco apresenta toda a estrutura do seu sistema em 211 proposições, que são seguidas de suas correspondentes explicações. Diferente das demais obras do filósofo, os *Elementos de Teologia* não faz referência a nenhum outro antecessor, voltando sua atenção para demonstrar os fundamentos de sua tese a partir de uma ordem lógica. A obra inicia com a seguinte proposição “Toda multiplicidade participa de alguma maneira da unidade”⁴. Já no início, Proclo se propõe a refletir acerca da necessidade da relação entre unidade e multiplicidade, de maneira que a unidade deva ser participada pela multiplicidade. No desenvolver da argumentação esta necessidade vai ser demonstrada de tal modo que a não participação da multiplicidade na unidade implicaria na impossibilidade de existência da própria multiplicidade.

Na argumentação do Diadoco, a participação do múltiplo na unidade se dá conforme duas perspectivas: das partes e do todo. O raciocínio progride considerando as partes, na hipótese de que se a multiplicidade não participasse da unidade cada uma de suas partes seria também múltipla e cada parte da parte também seria múltipla, e isso infinitamente. Todavia, isso é impossível, pois, ao não considerar a possibilidade da unidade como participada pela multiplicidade, uma infinidade seria maior que a outra, porque uma estaria contida na outra. Veja, se a multiplicidade *A*

³Cf. PROCLUS. *The Elements of Theology*. Translation, Introduction and commentary by E. R. Dodds. New York: Oxford, 2004.

⁴PROCLUS, *The Elements of Theology*, prop. 1.

possui partes infinitas, que denominaremos de *B*, neste caso, cada parte *B* também será composta por partes infinitas, *C*. Na situação em questão, tanto *A*, quanto *B* e *C* são infinitas. Entretanto, a infinidade de *A* teria de ser maior que a de *B* e essa, que a de *C*. Sem a unidade, então, haveria uma gradação de infinitudes, o que é absurdo. Logo, se verifica que, na falta da unidade, as partes seriam múltiplas ao infinito, não podendo existir nada que tenha uma coesão, seja interna ou externa. Sem unidade, sequer poderia haver partes e, sem partes, também não se poderia falar de figuras. Chega-se na inviabilidade de existência de cognoscíveis, pela impossibilidade de determinação.

O Uno-Bem é, então, a raiz de todas as hipóstases, de modo a ser a Causa Primeira da qual todos os seres procedem⁵. Para Proclo, esta Causa Primeira deve ser una⁶, já que se fosse duas ou mais já não se poderia falar de causa primeira, dado que nenhuma delas poderia ser dita primeira⁷; também não poderia ser circular, já que, neste caso, um efeito seria causa de sua causa, o que é absurdo. A possibilidade de causas infinitas também não pode ser considerada, dado que, se assim fosse, qualquer conhecimento seria impossível, uma vez que o Filósofo admite que “conhecimento é o conhecimento das causas”⁸. Neste ponto, a ideia de Uno-Bem passa a ser necessária, pois só a partir da concepção de um primeiro, que também é causa final, é possível o desenvolvimento do sistema, isto é, somente pelo Uno-Bem a Processão⁹ pode ocorrer. Sobre isto, Reegen pontua:

Proclo concebe o poder ou a potência causal que existe na unidade seminal do Uno como progressivamente desenvolvida nas ordens sucessivas, e mais, concebe esta

⁵PROCLUS, *The Elements of Theology*, prop.11

⁶Toda a argumentação é desenvolvida na proposição 11.

⁷A noção de causa primeira, na filosofia procleana, está mais relacionada à atuação como princípio, isto é, como substrato e fundamento, do que a uma ordem temporal. Isto porque a temporalidade não se aplica aos seres anteriores à alma, já que na ordem temporal estabelecida por Proclo, a saber: Eternidade, perpetuidade e temporalidade, a medida temporal que alcança a essência dos seres só está presente na esfera sensível.

⁸PROCLUS, *The Elements of Theology*, prop. 11.

⁹Quando se estiver a tratar do movimento completo: *proódos, moné e epistrophê*, sempre utilizaremos a inicial maiúscula, quando se tratar do momento específico de saída da unidade em direção à multiplicidade, será empregada ‘processão’ com inicial minúscula.

evolução ou desenvolvimento regido pela mesma lei triádica que aparece no desenvolvimento das hipóstases posteriores¹⁰.

O movimento de Processão, ao ser o modo de explicar a saída da unidade em direção à multiplicidade, diz respeito a um movimento lógico. Isso porque, no sistema procleano não há nenhuma medida temporal pela qual o Uno-Bem seja regido e o movimento que produz mudanças está diretamente associado aos seres que tem o Tempo por *metron*. Ocorre que Proclo estabelece três marcadores temporais: Tempo, Perpetuidade e Eternidade¹¹. Cada um destes marcadores diz respeito a tipos de seres específicos. O Tempo mede os seres da realidade sensível; a Perpetuidade, as almas e a Eternidade, o *Noús*. O Primeiro Princípio não pode ser medido por nenhum destes marcadores, pois foge tanto das medidas temporais quanto da mobilidade a ela associada. A Processão, então, por ter início desde o Uno, não diz respeito a um antes e depois, sendo um modo de explicar a relação entre unidade e multiplicidade, como pode ser visto na proposição 35 dos *Elementos de Teologia*, onde é dito:

Every effect remains in its cause, proceeds from it, and reverts upon it. For if it should remain without procession or reversion, it will be without distinction from, and therefore identical with, its cause, since distinction implies procession. And if it should proceed without reversion or immanence, it will be without conjunction or sympathy with its cause, since it will have communication with it. And if it should revert without immanence or procession, how can that which has not its being from the higher revert existentially upon a principle thus alien?¹²

Ainda que o movimento de Processão evidencie a necessidade da saída do Uno em direção à multiplicidade, ao mesmo tempo em que há a saída, aquele que sai deve permanecer na sua causa e, simultâneo à saída, deve haver o retorno – está-se a falar dos três momentos do movimento de Processão: processão, permanência e retorno –, de maneira que todos os momentos ocorram simultaneamente. Pela Processão, é demonstrado como, do Uno que é absolutamente simples, tem origem toda a multiplicidade e sua complexidade. A Processão tem lugar central porque não

¹⁰REEGEN, Jan, G. ter. *Os Elementos Teológicos de Proclo*. pp. 267-285. IN: BAUCHWITZ, Orcair Federico (Org.). *O neoplatonismo*. Natal: Argos, 2001. p. 280.

¹¹PROCLUS, *The Elements of Theology*, prop. 55.

¹²PROCLUS, *The Elements of Theology*, prop. 35.

permite que a passagem da unidade à multiplicidade se dê de maneira abrupta. Com ela o sistema é organizado de hierarquicamente, sendo postuladas distintas hipóstases. É através destas hipóstases que os seres procedem, permanecem e retornam, fazendo um movimento circular que segue, em sua conversão, o mesmo caminho que operou no seu proceder¹³. Todo o que existe, então, tem origem no Primeiro Princípio, nele permanece e a ele retorna.

Considerando que este primeiro é Princípio, mas também ponto de retorno para todos os seres e que Uno e Bem não poderiam ser princípios distintos, pois o primeiro tem de ser tão somente um, é estabelecido uma identificação entre o Uno e o Bem. Ao traçar esta identificação, o Diadoco une os princípios presentes no *Parmênides* e na *República* de Platão¹⁴. Assim como em Platão, na filosofia procleana este primeiro é além ser e a medida que está fora da esfera do real, não pode ser nomeado. Logo, os termos Uno e Bem não correspondem à identidade deste Primeiro Princípio¹⁵. O que se quer dizer é que ao postular o primeiro como logicamente necessário, qualquer tentativa de nomeá-lo, a fim de tornar possível um conhecimento racional sobre ele, está fadada ao fracasso. Nenhuma predicação alcança sua totalidade e tudo o que sobre ele é dito, o é a partir dos seus efeitos.

É para os seres que este Primeiro Princípio é Uno e Bem, mas não só, ele é também Providência, ou seja, está na esfera divina e, neste sentido, é dito Deus. Mas ele não é deus, nem uno e nem bem, porque todas essas nomenclaturas fazem parte da esfera do real, a qual ele transcende. Eis uma das maiores dificuldades do pensamento procleano, dado que, se por um lado o Uno-Bem-Deus é entendido como Primeiro Princípio de todas as coisas; por outro, ele não é nem uno, nem bem, nem deus. Ele é fundamento do Ser e, por isso, está fora de qualquer relação. Estando fora da esfera do real, ele não pode ser nomeado, nem mesmo conhecido¹⁶. Logo, a identificação estabelecida pelo Parmênides entre ser e pensar, ao afirmar que “o

¹³PROCLUS, *The Elements of Theology*, prop. 33

¹⁴Uno e Bem respectivamente.

¹⁵PROCLUS, *The Elements of Theology*, prop. 13

¹⁶PROCLUS, *The Elements of Theology*, Prop. 123

mesmo é pensar e ser”¹⁷, de maneira alguma se aplica ao Primeiro Princípio procleano, uma vez que “o Uno está além do Intellecto”¹⁸; porém, se aplica à esfera do Ser. Tem início, aqui, um problema de caráter henopistemológico.

O Uno-Bem como princípio do esfera do real.

O problema citado reside no fato de tudo ter origem a partir do Uno-Bem mediante o movimento de Processão, que possui algumas leis gerais como o da Processão por semelhança e da diminuição de potência na relação entre produto e produtor. É a relação pautada nestas leis e dinâmica da Processão que faz com que o Uno-Bem não seja fundamento só no sentido lógico, mas também estabeleça a base do desenvolvimento dos seres e, junto a eles, da possibilidade de conhecimento. Para tornar claro como se dá esta relação, é preciso sempre ter em mente que os momentos do movimento de Processão se dão simultaneamente. Ou seja, a saída da unidade em direção à multiplicidade se dá ao mesmo tempo em que há o retorno da multiplicidade para a unidade e a permanência desse múltiplo no Uno.

A multiplicação da unidade leva ao desdobramento das hipóstases e, assim, a unidade absolutamente simples pode ser entendida tanto como Uno, quanto como Bem e Deus. Isso porque, para Proclo, a saída da unidade em direção à multiplicidade ocorre mesmo diante da imutabilidade da causa. Acontece que, embora o Primeiro Princípio seja sustentáculo de todas as hipóstases, pois elas existem em razão da sua potência produtiva, ele não enfraquece ao dar existência a nenhum delas. Neste sentido “Thus the engender us established beyond alteration or diminuyion, multiplying itself in virtue of its generative potency and furnishing from itself secondary substances”¹⁹. É em razão da imutabilidade da causa, na esfera suprassensível, que uma escala de seres passa a existir.

¹⁷PARMÊNIDES, *Da Natureza*, Frag. 3.

¹⁸PROCLUS, *The Elements of Theology*, Prop. 20.

¹⁹PROCLUS, *The Elements of Theology*, Prop. 27

Seguindo as linhas gerais da concepção de Bem em Platão²⁰, Proclo apresenta o Uno-Bem como estando além ser e sendo condição de existência dos seres. Somando à tese platônica, Proclo reúne no Uno-Bem a concepção aristotélica do Bem²¹ como causa final, isto é, como aquele elemento para o qual todos os seres tendem. No movimento de retorno é que há a unificação da multiplicidade, de maneira que o este processo tem caráter de bondade²². Assim, a medida em que o Bem é causa final e o Princípio Primeiro, pela semelhança, faz proceder as ordens dos seres, esses serem vem à existência de dois modos: em si mesmos ou como imagens²³. O que se quer dizer é que, se por um lado o sistema procleano pode ser lido como apresentando as hipóstases divina, inteligível e psíquica em sua esfera suprassensível; por outro, cada uma destas ordens são organizadas triadicamente, ou seja, cada ordem do real possui três modos de existência: como causa, em si mesmo e como imagem.

A lógica triádica está presente em todo o sistema, de maneira que Caram entende que “Proclo sostiene que la disposición triádica reproduce el orden de las relaciones por las cuales la más alta de las realidades está conectada con las realidades inferiores”²⁴. Assim, a partir do Uno-Bem, tudo é formado por Limite, Ilimitado e a Mistura desses; é nesta perspectiva que D’Ancona afirma que “Ces deux principes, consideres par Proclos comme Supremes en tant que responsables de chaque manifestation de stabilité et de changement dans l’univers tout entier”²⁵. Seguindo a

²⁰“O mesmo dirás dos objetos conhecidos, que não recebem do bem apenas a faculdade de serem conhecidos, mas também lhe devem o ser e a essência, conquanto o bem não seja essência, senão algo que excede de muito a essência, em poder e dignidade”. PLATÃO, *República*, 509b.

²¹“[...] pelo que se tem dito, com razão, ser o bem a finalidade de todas as coisas”. ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, I,1, 1.094a3.

²²PROCLUS, *The Elements of Theology*, Prop. 13

²³Cf. PROCLUS, *The Elements of Theology*, prop. 64

²⁴CARAM, Gabriela de los Ángeles. La continuidad ontológica en el pensamiento de Proclo. In: THÉMATA. Revista de Filosofía, n. 49, pp. 105-125, 2014. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/themata/article/view/301>. Acesso em: 28 jul. 2021. p. 110

²⁵COSTA, Cristina D’Ancona. *Recherches sur le liber de causis*. Paris: Librairie philosophique J. VRIN, 1995. p. 60.

lógica da triadicidade, os elementos que compõe a primeira hipóstase que descende do Uno-Bem, isto é, a hipóstase inteligível, são, conforme Beierwaltes²⁶:

1. Limite, Ilimita do Misto;
2. Ser, Diversidade e Identidade;
3. Princípio, Meio e Fim;
4. Inteligível, Inteligível e Intelectivo, e Intelectivo;
5. Ser, Vida e Pensamento e;
6. Permanência, Processão e Retorno.

Na ordem do real, não importa qual a perspectiva de análise, a hipóstase sempre é composta por uma estrutura na qual dois extremos são ligados por um termo médio que possibilita a relação. Contudo, por tratar-se de uma ordem que se dá pela processão e, assim, por uma diminuição de potencialidade, o produzido sempre será inferior ao produtor e, na inferioridade, é dessemelhante à causa. Tem-se que, na relação entre causa e causado, o causado será semelhante e dessemelhante à sua causa.

É em razão desta diminuição de potencialidade entre produto e produtor que a escala de perfeição na ordem dos seres se delineia, de maneira que a causa sempre será transcendente a seus efeitos, pois, para os efeitos, a potência da causa é infinita²⁷. Porém, sob a perspectiva da própria causa, essa potência não é infinita, dado que a causa conhece a si mesma. Depois da causa, tem-se os seres que existem por si mesmos, isto é, os autoconstituídos, marcados pela perfeição e; abaixo deles, os seres que existem enquanto imagem. Os que são imagens são caracterizados por dependerem da mediação do ser em si de sua ordem para retornarem ao que é princípio. Desta feita, na ordem do *Noûs*, o Ser, por está mais próximo da Causa Primeira corresponde ao princípio da ordem inteligível, sendo ele, na escala dos seres, a causa e, enquanto causa, não pode ser plenamente compreendido por seus efeitos. Neste caso específico, o Ser é o que há de mais unitário e, por isso, é bem²⁸, cuja

²⁶ Mais sobre cada uma destas categorias em sua relação triádica, ver o capítulo terceiro da obra: BEIEWALTES, Werner. *Proclo. I fondamenti della sua metafisica*. Introdução di Giovanni Reale. Traduzione di Nicoletta Scotti. Milano: Vita e Piensero, 1990.

²⁷ Cf. PROCLUS, *The Elements of Theology*, prop. 93

²⁸ Todo bem que não é o Uno-Bem será escrito com inicial minúscula, a fim de não confundi o primeiro Bem, que não é outra coisa além de bem. O Bem traz uma identificação com o Uno, estabelecendo

potência produtiva possibilita o proceder da ordem. A Vida, termo intermediário, se caracterizando por ser autoconstituída e termo de mediação, ou seja, enquanto o Ser é completamente imóvel, a Vida é automovente e põe em movimento aquele que seria a imagem do Ser, o Intelecto, cujo movimento se dá pela presença na Vida.

O na organização triádica da filosofia procleana todos os seres têm existência a partir da superabundância de potência do Uno-Bem, que também é objeto de conversão de todos os seres. Logo, o Uno-Bem não se apresenta somente como um fundamento lógico, mas também henológico, pois o bem para os seres está na unificação e a unificação é um bem. Ademais, se a Processão se dá pela semelhança, nenhum ser pode ser diferente do Bem, o que leva a consequências importantes relativas à possibilidade do conhecimento.

A questão do conhecimento está ligada ao modo de existência dos seres e, por isso, a sua relação com o Uno-Bem. Como já foi dito, o Uno-Bem é fundamento de toda a esfera do real, dele todos os seres adquire existência. No entanto, este primeiro é transcendente, estando além do Ser, o que significa que o Uno-Bem não pode ser conhecido²⁹. Mas, como o Uno-Bem é fundamento do conhecimento se ele mesmo não pode ser conhecido? A chave para esta questão está na unidade enquanto possibilidade de delimitação, isto é, no Limite, um dos princípios constitutivos de tudo o que existe depois do Uno-Bem. O Limite é o princípio de determinação dos seres, sendo uma manifestação da potência do Uno-Bem em sua capacidade de dar forma e, assim, existência aos seres³⁰. A unidade por si mesma não apresenta predicação, conceituação, mas possibilita que aqueles que por ela são constituídos possam ser predicados, apresentando características além da unidade.

Na organização triádica procleana a totalidade do sistema pode ser entendido como Uno, uno e não-uno e não uno e uno. O primeiro, é o Uno-Bem, do qual temos

identidade entre unidade e bondade. Os outros bens, a medida que apresentam outras predicções além da bondade, são bem e não-bem.

²⁹PROCLUS, *The Elements of Theology*, Prop. 123.

³⁰“[...] pero el límite define, circunscribe y sitúa cada cosa en sus propios confines; [...] de suerte que cada uno de los seres tiene una cierta naturaleza, una definición, una propiedad y un orden propios por el primer límite”. PROCLO. *Lecturas del Crátilo de Platón*. Edición de Jesús M. Álvarez Hoz, Ángel Gabilondon Pujol y José M. García Ruiz. Madrid: Akal, 1999. XLII.13P. 20 – 25.

analisado a partir da sua transcendência. O uno e não-uno são aqueles seres que estão mais próximos da unidade, sendo eles mais próximos do Uno em si, mas que, por não serem o Uno, apresentam algum grau de multiplicidade. Na escala dos seres, este uno e não-uno, é o termo intermediário que possibilita a participação do não-uno e uno no Uno em si. O uno e não-uno, portanto, possui algum grau de autoconstituição e perfeição, mas também de multiplicidade, ainda que a unidade e, portanto, o Limite, se sobressaiam nele. O não-uno e uno, por sua vez, é uma imagem da unidade, em razão de todos os seres participarem da unidade de alguma maneira. Contudo, os seres não-uno e uno são aqueles que se encontram mais distante do Uno em si, participando dele somente por outros, se está a falar, aqui, da realidade sensível, na qual há um alto grau de multiplicidade e um maior distanciamento do Uno-Bem.

Quanto mais próximo do Primeiro Princípio, mais imediato é o conhecimento, porque maior é o grau de unidade. Ou seja, na realidade inteligível, por ser a primeira hipóstase depois da divina, sujeito e objeto de conhecimento são o mesmo, isto é, o grau de unidade é tanto que o conhecimento é intuitivo. Este modo de conhecimento se mostra evidente quando se observa que a hipóstase do *Noûs* não é medida pelo Tempo, mas pela Eternidade e que ela nem é heteromovente e nem é automovente, mas imóvel. Na hipóstase inteligível não há movimento, nem antes ou depois, de maneira que o conhecimento se dá de modo imediato e intuitivo, por meio da contemplação e conversão ao Uno. O conhecimento característico da alma, em contrapartida, é discursivo, dado que envolve uma ação no tempo, um antes e depois, trata-se do pensamento racional, que pressupõem partes e, assim, um grau maior de multiplicidade. Neste sentido, Proclo apresenta a seguinte relação entre modo de existir e de conhecer:

En efecto, el conocimiento propio del alma y el conocimiento intelectual poseen las características propias de esas hipóstasis: toda Inteligencia es una pero también múltiple ya sea en cuanto a su ser, ya sea en cuanto a su inteligir, y toda alma, siendo movimiento, conoce con el movimiento. En cambio, aquel [Uno de la providencia] permaneciendo en su unidad, inmóvil y al mismo tiempo indivisible, conoce todas las cosas del mismo modo, no solo el Sol y las cosas de este género, sino

también toda realidad singular; y es que nada puede huir de aquel Uno, ya sea que te refieras a ser, ya sea al conocer³¹.

Ao passo que o processo de conhecimento está diretamente associado ao modo de ser dos indivíduos, a posição que um ser ocupa na escala dos seres torna-se fundamental, isso porque, para Proclo “todo conocimiento es necesariamente algo intermedio entre aquello que es cognoscible y aquello que conoce, siendo este un punto de partida y aquel aquello a lo que se tiende, uniéndolos a ambos”³². Se conhecer é, de algum modo, um processo de unificação, ele diz respeito a um processo também de conversão, que tem como objeto central o sujeito de conhecimento e não o objeto conhecido. Isso significa que o modo de conhecer se dá conforme a capacidade do sujeito de conhecimento³³. A possibilidade de compreensão, então, ocorre segundo a potência do cognoscente, que depende do lugar em que ele ocupa na escala dos seres.

Estão ligadas, portanto, a relação lógica e henoepistemológica, pois em todos estes aspectos a relação entre uno e multiplicidade determina o modo com que cada ser existe. Porém, não é só nos âmbitos lógico e henoepistemológico que a relação entre uno e múltiplo é determinante, posto que no âmbito da ética e da moral a relação dos seres com o Bem, isto é, com o Uno, também se faz imprescindível. Isto se dá porque a consideração do Uno como Bem e a ideia de que tudo o que existe possui uma causa única coloca em dificuldade a hipótese de existência de Mal. Em um sistema em que o Bem é entendido como causa primeira e final de todos os seres, ademais de ser o elemento ao qual todos devem participar, o que se pode dizer sobre o Mal?

A impossibilidade do Mal frente ao Bem como Causa Primeira

³¹ PROCLO. *Diez questions sobre la Providência*. I,§5. In: PROCLO. *Elementos de Teología; Tres opúsculos: sobre la Providencia, el Destino e el Mal*. Traducción José Manuel García Valverde. Madrid, Trotta, 2017.

³² PROCLO, *Diez questions sobre la Providência*, II,§2.

³³ *Ibidem*.

Se conhecer está diretamente relacionada ao modo como os seres existem, não seria absurdo pensar que o modo de agir no mundo também está diretamente associado ao que um ser é. Nesta perspectiva, se por Mal for entendido tudo aquilo que leva um indivíduo a agir de maneira viciosa, seja contra si mesmo ou contra outros, é preciso buscar quais as causas deste fenômeno. Contudo, vale um esclarecimento, a análise aqui realizada consiste em ponderar a questão do mal em relação ao bem, ou seja, nos manteremos sob a via do Uno-Bem como fundamento e suas implicações relativas à acomodação do mal diante de uma causa que é Bem. Este trabalho, portanto, não tem pretensões de se aprofundar nas ações individuais e causas particulares que constituem o agir moral dos indivíduos e nem como eles são estabelecidos no âmbito da vida coletiva, pois tal empreitada extrapolaria os limites deste trabalho.

Estabelecido os limites a que este trabalho se encerra, uma questão torna-se fundamental, a saber: como é possível pensar o mal se na filosofia procleana a causa de todas as coisas é o Uno-Bem, do qual toda multiplicidade deve participar? Esta dificuldade não é exclusiva de Proclo, a filosofia cristã também já se debruçou sobre ela com filósofos como Agostinho de Hipona³⁴. Isso porque o criacionismo cristão se apresenta com uma lógica semelhante a do neoplatonismo pagão, ao postular uma causa primeira que é necessariamente una e fundamento de existência de tudo o que existe. Diante desta problemática, a primeira observação a ser feita para refletir a respeito da questão do mal em Proclo é que “no es lo mismo decir que Dios es causa de todo que decir que solo él es causa de todo”³⁵. Ao entender que há uma diferença entre ser causa de tudo e ser a única causa de tudo, seria possível pensar em uma causa do mal.

Entretanto, esta concessão do Diadoco não resolve a problemática, pois mesmo que se admita outras causas, o fato de todos os seres advirem de uma causa única da qual os seres procedem por semelhança, faz com que, pela semelhança com o Bem, tudo o que existe seja também bem. Todavia, a nomenclatura de Bem é

³⁴Sobre a questão sobre o Mal na filosofia cristã, em particular em Agostinho, ver a obra *O livre-arbítrio*.

³⁵PROCLO. *Sobre la existencia de los males*. §58.

atribuída ao Uno porque este é causa produtiva, ou seja, na medida em que dá existência a tudo o que existe ele é Bem. Assim, ao passo que o Uno tem uma potência produtiva que não pode ser quantificada, tem-se que, *a priori*, essa produção tenderia ao infinito. Mas tal afirmação se mostra falsa, pois há um limite na produção vertical do sistema. Este limite está na matéria. Para evitar a ilimitação, a matéria informe é postulada como o último existente e, a medida em que ela é o último, nada produz e, por isso mesmo, não é causa de nada. Por não ser causa, a matéria não pode ser bem³⁶, já que não há nada que a ela tenda³⁷.

Ao observar o status da matéria, se percebe que a nomenclatura do Uno-Bem se dá a partir dos seus efeitos e não dele mesmo, isso porque a matéria, para ter existência, também deve participar de alguma maneira da unidade, no entanto, por não possuir potência produtiva, ela não é bem. Ou seja, ela está ligada ao Primeiro Princípio, mas em razão de sua distância desse primeiro, não pode ser bem, mas também não pode ser mal, pois “aquello que deriva de la Causa primera no es un mal”³⁸. Ao participar do Uno-Bem, ela tem sua existência a partir dele. Assim, a matéria não pode ser o mal e também não é um bem. A ela cabe uma outra categoria. Porque no universo procleano não há espaço para o vazio na escala dos seres, a matéria é classificada como um ser necessário, não sendo bem por ser infecunda e nem podendo ser mal em razão da sua ligação com o Bem e as demais causas que são bens menores que o Bem em si mesmo.

É necessário fazer aqui uma observação relativa à definição de bem. Isso porque quatro características ao longo dos textos procleanos são dadas a essa noção:

1. O que é unidade³⁹;
2. Aquilo a que os seres tendem⁴⁰;
3. O que produz os seres⁴¹;

³⁶Nas *Enéadas* de Plotino, por não ter potência produtiva e ser aquilo que há de mais distante ao Uno, a matéria é entendida como um Mal. Cf. PLOTINO, *Enéada* I.8,3;8

³⁷Esta noção é particularmente interessante no pensamento procleano, porque implica no fato de as almas não desejarem a corporeidade e nem a forma descender à matéria, mas, ao contrário, a alma que está no corpo diz respeito a uma hipóstase diferente daquela que está próxima ao Intelecto.

³⁸PROCLUSO, *Sobre la existencia de los males*, §2

³⁹PROCLUSO, *The Elements of Theology*, prop. 13

⁴⁰PROCLUSO, *The Elements of Theology*, prop. 8

⁴¹PROCLUSO, *The Elements of Theology*, prop. 7

4. O que é necessário⁴².

A matéria é um modo de unidade, pois se não fosse, sequer existiria ou seria necessária. Ela é um bem, não o Bem em si, mas algo do Bem em si tem de estar presente nela. No entanto, ela não produz nenhum ser e não é um ser⁴³ para o qual os seres tendem. Por esta via de interpretação, Proclo afirma que a matéria é um bem e o faz sob a perspectiva dos demais seres. Porém, a matéria não é um bem completo, como o é o Uno-Bem⁴⁴, por ser infecunda, mas ela é unidade e necessária para expressar a fecundidade do Uno-Bem, sendo um bem, mas não em sentido *stricto*. Sobre a matéria, Proclo afirma:

Por lo tanto, si la materia es necesaria para todo el universo, y si en ausencia de materia este mundo no sería eso dios grande y bienaventurado, ¿de qué modo podemos encontrar en ella la naturaleza del mal? Porque una cosa es el mal y otra cosa es lo necesario; lo segundo es aquella realidad sin la cual es imposible ser, lo primero es por contra el propio desaparecer de esta realidad⁴⁵.

O mal, por ser contrário ao bem, que implica na própria existência, é apresentado como aquele que é contrário à existência. No entanto, já afirmara Maurette, aquilo que é totalmente contrário à existência é nada⁴⁶. Portanto, o mal na filosofia do Diadoco não é, porque não pode ser unidade e porque todo ser é um bem na medida em que procedem e participam do Bem. O mal está associado à corrupção dos seres, que se dá pela presença da matéria, mas esta também não é um mal, porque é semelhante ao bem no que diz respeito a sua unidade. Ademais, a corrupção só se dá na realidade sensível, porque está sujeita ao movimento e ao tempo, nela há o vir-a-ser e deixar de ser. Ou seja, é na realidade sensível, mediante a corruptibilidade

⁴²PROCLO, *Sobre la existencia de los males*, §6

⁴³A interpretação de que a matéria não é um ser se dá na medida em que Proclo estabelece que as causas mais universais têm maior alcance que as menos universais. O Uno-Bem é mais universal que o Ser, logo, seu alcance deve ser maior que a do próprio Ser. Se a matéria é o último elementos do sistema, por esta linha de raciocínio, ela deveria ter influência somente da Causa Primeira. Tal argumentação se sustenta, ainda, no fato de a matéria informe não poder apresentar nenhuma característica específica, de maneira que algo só pode ser dito dela quando ela se encontra unida à forma.

⁴⁴Verificar nota 28.

⁴⁵PROCLO, *Sobre la existencia de los males*, §32

⁴⁶*Cf.* Maurette, o mal puro seria um não-ser absoluto e, portanto, não teria subsistência. Deste modo, o que há são maus distintos, os presentes nos seres particulares. Maurette, Pablo. *El mal e lo ilimitado en la filosofia de Proclo*. Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires. Argentina [Nova tellus, México, 2004 Vól. 22, Núm. 1, pp. 141-165. p. 147

proporcionada pela matéria, que a fecundidade ilimitada do Bem se torna evidente. Logo, a própria corrupção só pode ser entendida com um mal sob a ótica individual dos seres, porque na totalidade, ela não é mal.

Considerações finais

Pensar o papel que o Uno-Bem possui na filosofia procleana não é tarefa simples por dois motivos: 1. porque ele não pode ser definido, sendo totalmente incognoscível e; 2. porque refletir sobre o Uno-Bem implica em compreender a dinâmica de todo o sistema do Bizantino. O Uno-Bem é fundamento de tudo o que existe, de modo que sua influência alcança todos os níveis do sistema, ainda que ele mesmo seja imparticipado⁴⁷. É sua transcendência em relação aos seres que torna tão difícil o estudo deste Princípio, pois como refletir sobre algo que escapa a toda cognoscibilidade? Contudo, o Primeiro Princípio é aquilo que possibilita a multiplicidade, mas o faz mediante a unidade, isto é, faz do múltiplo uno em cada uma de suas partes e na totalidade. É na perspectiva da unidade que o conhecimento torna-se possível, mesmo que a unidade absolutamente simples não seja passível de ser conhecida. É também por ela que o Bem é fundamento de tudo; sendo aquilo que não é bom, nada. O Uno-Bem, portanto, é necessário.

Sendo fundamento e princípio constitutivo da moral, da lógica e da henepistemologia, filosofar sobre o Uno-Bem é filosofar a respeito dos diversos âmbitos da realidade, de maneira a ser possível pensar, por meio dele, questões importantes, como o alcance da apreensão do real. Ademais, ao postular o Uno-Bem como fundamento nas três esferas demarcadas neste trabalho e entendendo que uma série de outras áreas do conhecimento filosófico se relaciona diretamente às três mencionadas, pode-se afirmar que muitas outras áreas, além das já demarcadas aqui, podem ser trabalhadas a partir do raciocínio imposto pelas regras para leitura do Uno-Bem. O maior alcance do Uno-Bem como chave de leitura das mais diversas questões torna-se ainda mais evidente quando é observado que, ao postular a unidade

⁴⁷Cf. PROCLUS, *The Elements of Theology*, prop. 24

como fundamento, Proclo o faz considerando um dinamismo do movimento de Processão. O Uno-Bem, portanto, é uma unidade dinâmica.

Este sistema, que tem seu fundamento em uma unidade dinâmica que procede por superabundância de potência e que considera não só a totalidade, mas também as partes que o compõe, talvez seja o elemento que o intelectualismo contemporâneo necessite para analisar suas questões. Ademais, o fato de um princípio que é incognoscível ser fundamento e elementos constitutivo de tudo o que existe, quebra qualquer ideia de superioridade da razão, fazendo com que seja validade a apreensão da realidade em seus mais diversos modos, abrindo espaço importante para a comunicação entre os diferentes modos de leitura do mundo, considerando sempre seu dinamismo, suas partes e seu todo.

Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução e notas de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2009.

BEIEWALTES, Werner. **Proclo. I fundamenti della sua metafisica**. Introdução di Giovanni Reale. Traduzione di Nicoletta Scotti. Milano: Vita e Piensero, 1990.

CARAM, Gabriela de los Ángeles. **La continuidad ontológica en el pensamiento de Proclo**. In: THÉMATA. Revista de Filosofía, n. 49, pp. 105-125, 2014. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/themata/article/view/301>. Acesso em: 28 jul. 2021.

COSTA, Cristina D'Ancona. **Recherches sur le liber de causis**. Paris: Librairie philosophique J. VRIN, 1995.

MAURETTE, Pablo. **El mal e lo ilimitado en la filsofia de Proclo**. Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires. Argentina Noua tellus, México, 2004 Vól. 22, Núm. 1, pp. 141-165.

REEGEN, Jan, G. ter. **Os Elementos Teológicos de Proclo**. pp. 267-285. IN: BAUCHWITZ, Orcar Federico (Org.). O neoplatonismo. Natal: Argos, 2001.

PARMÊNIDES. **Da Natureza**. Tradução, notas e comentários de José Trindade Santos. São Paulo, Loyola, 2013.

PLATÃO. **Parmênides**. Texto estabelecido e anotado por John Burnet; tradução, apresentação e notas de Maura Iglésia e Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003

_____. **A República**. Tradução Carlos Alberto Nunes. Texto grego John Burnet. Belém: edufpa, 2016.

PROCLO. **Lecturas del Crátilo de Platón**. Edición de Jesús M. Álvarez Hoz, Ángel Gabilondon Pujol y José M. García Ruiz. Madrid: Akal, 1999.

_____. **Elementos de Teología; Tres opúsculos: sobre la Providencia, el Destino e el Mal**. Traducción José Manuel García Valverde. Madrid, Trotta, 2017.

_____. **The Elements of Theology**. Translation, Introduction and commentary by E. R. Dodds. New York: Oxford, 2004